

FONOLOGIA DE LÍNGUAS INDÍGENAS EM ARYON RODRIGUES

Wilmar da Rocha D'Angelis¹

RESUMO

Reconhecido como um dos maiores experts em línguas indígenas brasileiras, e particularmente conhecido por sua contribuição à classificação genética das línguas Tupi – e mais ainda, da família Tupi-Guarani –, pouco se fala da contribuição de Aryon Rodrigues (1925-2014) para o conhecimento da fonologia de línguas indígenas. Ademais de seu trabalho como orientador de dissertações e teses ao longo de quase cinco décadas, nas quais dirigiu pesquisas em fonologia em três dezenas de línguas indígenas, distribuídas em cerca de uma dezena e meia de famílias linguísticas diferentes, Aryon Rodrigues foi o responsável pela primeira abordagem efetivamente linguística da fonologia do Tupinambá, que constituiu sua pesquisa de doutorado. Sua tese, redigida em alemão e defendida na Universidade de Hamburgo (1959), jamais foi traduzida ao português, e muito raramente terá sido consultada, o que se conclui pela raridade de sua citação em trabalhos sobre línguas Tupi. O presente artigo busca sanar esse desconhecimento, resenhando criticamente a tese *Phonologie der Tupinambá-Sprache* e apresentando um panorama das demais contribuições de Rodrigues para a fonologia de línguas indígenas.

Palavras-chave: *línguas indígenas; fonologia; Tupinambá; Aryon Rodrigues.*

ABSTRACT

Recognized as one of the greatest experts on Brazilian indigenous languages, and particularly known for his contribution to the genetic classification of the Tupi languages – and even more so, the Tupi-Guarani family –, little is said about the contribution of Aryon Rodrigues (1925-2014) to the knowledge of the phonology of indigenous languages. In addition to his work as a dissertation and thesis advisor over almost five decades, during which he directed research into the phonology of three dozen indigenous languages, distributed across about a dozen and a half different linguistic families, Aryon Rodrigues was responsible for the first truly linguistic approach to

1 Universidade Estadual de Campinas.

the phonology of Tupinamba, which constituted his doctoral research. His thesis, written in German and defended at the University of Hamburg (1959), was never translated into Portuguese, and has rarely been consulted, which is evident from the rarity of its citation in works on Tupi languages. This article seeks to address this lack of knowledge by critically reviewing the thesis *Phonologie der Tupinambá-Sprache* and presenting an overview of Rodrigues' other contributions to the phonology of indigenous languages.

Keywords: *Indigenous languages; phonology; Tupinambá; Aryon Rodrigues.*

Introdução

Aryon Rodrigues doutorou-se em Linguística no ano de 1959, na Universidade de Hamburgo, com uma tese sobre a fonologia do Tupinambá: *Phonologie der Tupinamba-Sprache* (trabalho até hoje não traduzido ao português). E ao longo de cinco décadas de docência em Pós-Graduações, tendo orientado e levado à conclusão pelo menos 60 mestrados e doutorados, mais da metade daqueles trabalhos foi realizada no campo da Fonologia, sendo 31 deles em fonologia de alguma língua indígena. O presente artigo busca destacar a contribuição de Aryon Rodrigues nesse campo de pesquisa, com especial atenção à sua contribuição para a fonologia Tupi, por sua tese a respeito do Tupinambá (ou Tupi antigo).

O tupinólogo

Cursando o ensino médio, no Ginásio Paranaense, em Curitiba, aos 14 ou 15 anos Aryon conheceu o professor Mansur Guérios,² que ali

2 Rosário Farani Mansur Guérios (1907-1987), importante filólogo paranaense.

fora admitido como docente em 1939. Guérios teve papel importante em despertar, naquele aluno, o interesse pelas línguas indígenas. Foi assim que, em 1942, pela intermediação do seu professor, o jovem Aryon, com 17 anos, publicou seu primeiro trabalho em uma revista científica (*Archivos do Museu Paranaense*), sobre a língua Kiriri.

Em 1944 aparece uma primeira publicação sua sobre a “*evolução fonética*” daquela família linguística à qual dedicaria, talvez, a parte mais relevante de sua produção científica: a família Tupi-Guarani. Em 1945, novamente nos *Arquivos* do Museu, aos 20 anos, publicou um texto que se vê citado, vez ou outra, ainda hoje: “Diferenças fonéticas entre o Tupi e o Guarani”. Antes dos 30 anos, ele já havia publicado oito artigos sobre aspectos da família Tupi-Guarani, a cujo estudo se dedicaria ao longo de praticamente toda sua vida acadêmica. Sua produção a respeito do tronco Tupi e suas famílias é referência obrigatória em qualquer trabalho nesse tema. Em 1958, já concluindo seu doutorado em Hamburgo, Aryon publicou um artigo seminal sobre a classificação das línguas Tupi-Guarani (*Classification of TupiGuarani*, IJAL, v.24).³ Aquela classificação foi sendo revista e melhorada por ele ao longo dos anos: no seu livro *Línguas brasileiras* (RODRIGUES, 1986); no capítulo Tupi, da obra *The Amazonian Languages* (RODRIGUES, 1999); e já no começo do século atual, em *Reverendo a classificação interna da família tupí-guaraní* (2002), uma co-autoria com Ana Suelly Cabral. Registremse, ainda, suas reconstituições das vogais orais (RODRIGUES, 2005) e das consoantes (RODRIGUES, 2007) do Proto-Tupi.

Foi também ele quem produziu a primeira análise, com base em uma teoria fonológica, do Tupi Antigo, ou Tupinambá, como ele preferiu denominar. Essa foi sua tese de doutorado.

A formação do fonólogo

Aryon Rodrigues concluiu bacharelado (1949) e licenciatura (1950) em Letras Clássicas, na Universidade Federal do Paraná. Entre 1948 e 1954, Aryon pesquisou e deu aulas sobre Folclore e Etnologia; participou de várias pesquisas etnográficas no Estado, tendo sido Secretário e Presidente do Comitê de Folclore do Paraná; tornou-se professor titular de Português no Colégio Estadual do Paraná; e deu palestras sobre Nheengatu e Tupi Antigo na Universidade.

Em janeiro de 1951, então recém-licenciado, experimentou sua primeira pesquisa de campo em línguas indígenas, entre os Kaingang de Manguinhos, no Sudoeste do Paraná.⁴ Segundo ele próprio registrou, “*foi aquela primeira experiência aventureira em Manguinhos que me fez querer sair do Brasil para*

3 Ligeiramente alterado no texto, mas mantendo o esquema classificatório, foi republicado em 1964 na *Revista de Antropologia* (vol. 12); e republicado, mais recentemente, na *Revista Brasileira de Linguística Antropológica* (Rodrigues, 2011).

4 Ver artigo de Juracilda Veiga, neste volume.

aprender fonética prática, procedimentos de análise linguística e muito mais (...)” (Rodrigues, 2002, p. 116). Sendo assim, na metade da década de 1950 transferiu-se para a Alemanha, contando com bolsas da Fundação Alexander von Humboldt, frequentando cursos e colóquios na Universidade de Munique, pesquisando em bibliotecas e museus, e finalmente, realizando seu doutorado em Hamburgo.

Na Universidade de Hamburgo, Aryon foi orientado por Otto von Essen (1898-1983), tendo por co-orientador, Hansjakob Seiler (1920-2018). O primeiro era um renomado foneticista, com experiência e pesquisas bastante conhecidas em fonoaudiologia, e que desde 1949 dirigia o então Laboratório de Fonética daquela Universidade.⁵ Já Seiler estava familiarizado com o estruturalismo funcionalista europeu (conviveu, em Paris, com Émile Benveniste, de 1947 a 1950), e teve contato com o estruturalismo norte-americano no período em que trabalhou com a linguista Mary Haas, na Universidade da Califórnia (1953-1955), quando escreveu uma gramática, um dicionário e uma coleção de textos da língua indígena Cahuilla (Sul da Califórnia).⁶

A tese de Rodrigues, com 149 páginas, levou o título de *Phonologie der Tupinambá-Sprache*, foi concluída em fins de 1958 e defendida em 11 de fevereiro de 1959, na Faculdade de Filosofia, da Universidade de Hamburgo.⁷

Como visto acima, Aryon optou pelo nome *Tupinambá* para designar a língua analisada, ainda que suas fontes tenham sido todas as disponíveis sobre Tupi da Costa para os séculos XVI e XVII, tanto as produções missionárias jesuíticas portuguesas – como o Vocabulário na Língua Brasileira, o Catecismo do Pe. Antonio Araújo, as Artes de Anchieta e de Luis Figueira, ou o teatro anchietano –, quanto os registros franceses de Jean de Léry, de André Thevet e dos capuchinhos no Maranhão; e ainda, a conhecida narrativa, em alemão, de Hans Staden, e os registros holandeses no Nordeste, já no século XVII (Rodrigues, 1959, p. 8-12).⁸

5 Otto von Essen publicou um alentado livro de *Fonética Geral e Aplicada*, que em 1957 já ia para sua 2ª edição, e teve ao menos cinco edições em três décadas. Outra obra sua, de sucesso, foi *Conceitos básicos de fonética* (1962), com cinco edições em vinte anos. Entre mais de uma centena de trabalhos publicados, a obra de Otto von Essen inclui ao menos oito estudos de línguas africanas. Em *Fonologia*, von Essen alinhava-se ao Círculo de Praga (segundo deduzo de um artigo dele, de 1962: *Trubetzkoy's "fester" und "loser Anschluss" in experimentalphonetischer Sicht*).

6 A Seiler, muito provavelmente, se deve a presença, nas referências bibliográficas da tese de Aryon, de K. Pike (*Phonemics*), Z. Harris (*Methods in Structural Linguistics*) e H. Gleason Jr. (*A introduction to descriptive linguistics*); e a Otto von Essen a presença, ali, do clássico de Trubetzkoy (*Grundzüge der Phonologie*).

7 Pode-se acessar, na Biblioteca Digital Curt Nimuendajú, cópia do exemplar da tese depositado na Staats- und Universitätsbibliothek Hamburg Carl von Ossietzky: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/tese%3Arodriques-1958/Rodrigues_1958_Phonologie_der_Tupinamba.pdf.

8 Aryon escreveu: “No século XVIII, o nome tupi se difundiu no Brasil, inicialmente nos círculos acadêmicos e depois substituindo de forma geral o termo língua brasileira. Este nome, que originalmente se referia a uma tribo de São Vicente, passou a ser aplicado tanto à antiga língua geral, que já desapareceu da costa, quanto à sua descendente, a moderna língua geral do Amazonas ou Nheengatu. Entre os etnólogos, o Tupi também é considerado o nome geral dos povos que a etnologia considera aparentados com os tupinambás, e por isso designa algumas línguas que certamente têm relação com a antiga língua geral, mas não são de todo idênticas. Como resultado, o Tupi se tornou um termo coletivo, o que o torna inadequado para

Frederico Edelweiss o criticou pela escolha do nome “Tupinambá”, e o fez exatamente por reconhecer em Aryon, nos anos 1960, “*um dos novos que têm mostrado ponderação e persistência em seus estudos tupi*”. E, principalmente, “*por ser ele um dos pouquíssimos especialistas capazes de dar, pelos anos em fora, um tom universitário comedido aos estudos tupis, entregues, até aos nossos dias, ao mais estulto amadorismo*” (Edelweiss, 1969, p. 71). O grande tupinólogo riograndense, docente na Universidade da Bahia, entendia que “*a generalização do nome tupi foi muito feliz*”, e já defendia, desde a década de 1940, o termo *Tupi* como o mais adequado (Edelweiss, 1947, p. 33ss).

Para Aryon (1959, p. 5),

embora os Tupinambá se estendessem por um litoral extraordinariamente grande, eles eram linguisticamente muito uniformes. Essa unidade foi notada muito cedo pelos colonos e missionários portugueses, e foi graças a isso que a língua tupinambá recebeu o nome de *língua geral*, pelo qual passou a ser conhecida pelos portugueses.

O fato é que podemos dizer que Aryon demonstrou, em seu trabalho sobre a fonologia da *língua mais falada na Costa do Brasil*, aquela uniformidade linguística a que se referiu, apesar das diferentes fontes e dos diferentes locais em que se fizeram os registros.

A fonética das línguas dos registros

68

Como se sabe, os autores de registros escritos de línguas que não sejam as suas próprias línguas maternas, buscam a maior fidelidade que lhes for possível ao dado fonético, ou seja, ao que julgam estar ouvindo. Isso vale tanto para um viajante ou missionário – do século XVI, XIX ou atual – pouco afeito à oitiva de línguas diferentes, como para um linguista com bom treinamento fonético, nos dias atuais. A diferença crucial – além do treinamento e da aptidão para a oitiva de línguas, de uns e outros – está no recurso empregado para registrar as formas pronunciadas pelos falantes nativos. Um linguista treinado lança mão de um alfabeto fonético que, idealmente – embora apenas idealmente –, lhe dá meios de distinguir detalhes de pronúncia e sons os mais diversos, mesmo os mais estranhos à sua língua materna; e com as vantagens advindas de um sistema padronizado, de representar determinados sons sempre pelos mesmos símbolos. Já o anotador leigo emprega as formas ortográficas em uso na escrita da sua língua materna, o que o torna muito refém do “filtro fonológico” com que a língua materna

designar um estado linguístico específico. Usamos isso para resumir a antiga língua geral e a moderna língua geral do Amazonas; para designar a primeira como uma fase linguística bem definida no tempo, utilizamos o nome Tupinambá, que, no entanto, já era usado com esse significado no final do período colonial”. (Rodrigues, 1959, p. 5-6 – grifos do original)

conforma a sua percepção da fala desde a infância, ao adquirir linguagem (e, particularmente, um sistema fonológico específico).⁹

Trabalhando com registros diversos, de anotadores portugueses, franceses e alemães, Rodrigues realizou uma primeira operação de estabelecer o valor fonético de cada grafema usado nas diferentes fontes, considerando a língua materna (e respectiva ortografia) dos anotadores naquele período histórico. Em outras palavras: qual valor fonético era expresso por cada letra, em cada uma das línguas dos registros, no século XVI e início do século XVII. Essa tarefa compôs o segundo capítulo da tese (*As línguas intermediárias*), tendo como “*objetivo apresentar os hábitos de pronúncia e escrita das línguas que serviram de meio e base de comparação para o registro do Tupinambá*”. Considerando, justamente, a tentativa dos anotadores de registrarem os sons que ouviam da boca dos falantes nativos, Aryon destacou que, “*para podermos determinar os fenômenos fonéticos do Tupinambá, dependemos principalmente dos fenômenos fonéticos das línguas intermediárias, e não de seus fonemas*” (RODRIGUES, 1959, p. 22).

No entanto, o procedimento de Aryon, para estabelecer aquelas relações, restringiu-se aos grafemas empregados pelos anotadores no registro da língua Tupi/Tupinambá; ou seja, letras não empregadas na escrita da língua indígena não foram consideradas. Nas palavras dele: “*limitar-nos-emos à apresentação daqueles fatos que podem ser relevantes para o estudo do sistema sonoro do Tupinambá. Portanto, caracteres (e seus sons correspondentes) que nunca foram usados na escrita Tupinambá, como f, são completamente ignorados nas seções seguintes*.” (RODRIGUES, 1959, p. 22). Disso resulta que os levantamentos que ele fez dos valores fonéticos do Português (p. 23-28), do Francês (p. 28-32) e do Alemão (p. 32-35) compõem, de fato, levantamentos dos fones (observados) da língua indígena, segundo as diferentes línguas maternas dos registros.

Para a fonética da língua portuguesa nos séculos XVI e XVII, Aryon empregou os trabalhos descritivos de Fernão de Oliveira (1536) e Gonçalves Vianna (1892), além de um estudo, então recentíssimo, assinado por Thomas Hart (1955),¹⁰ “*sobre vogais africadas e fricativas no Português do séc. XVI*” (RODRIGUES, 1959, p. 23). Penso que Aryon infelizmente não aproveitou de uma informação valiosa, do artigo de Hart, o que comentarei adiante. Para a fonética francesa dos mesmos séculos, socorreu-se de Gramática Histórica de Ferdinand Brunot e Charles Bruneau.¹¹ Para o alemão, uma vez que Hans Staden era de Homberg, no chamado Niederhessen (norte do estado de Hesse), Aryon informa que “*ele falava um dialeto franco-renano, o*

9 A percepção e descrição desse fenômeno se deve, primeiramente, ao linguista russo Evgueni Polivanov ([1931] 1978), mas penso que foi Trubetzkoy (1939, p. 47ss) quem primeiro empregou a imagem da “peneira” ou “filtro fonológico”. Vale registrar que, mesmo que em menor intensidade, linguistas treinados também são afetados pelo filtro de sua língua materna.

10 Thomas R. Hart Jr, com doutorado em Literatura Comparada, em 1955 era professor na Johns Hopkins University.

11 *Précis de grammaire historique de la langue française*. (3ª ed.). Paris: Masson et Cie, 1949.

que pode ter influenciado seu alemão escrito”; e completa que, “para algumas peculiaridades fonéticas do franco-renano nas imediações de Homberg”, lançou mão da classificação de dialetos do Baixo Hesse, por Karl Hoffmann,¹² “bem como nossas próprias observações em Homberg”(RODRIGUES, 1959, p. 32).¹³

Os quadros fonéticos 1 a 3, a seguir, reúnem as informações das fontes, agrupadas por idioma. As características fonéticas empregadas na composição dos quadros são as elencadas por Aryon, na descrição de cada fone, baseado nos estudiosos das respectivas línguas. Por exemplo, ao tratar da fonética do Português, a vogal [ə] recebeu a seguinte descrição, com base em Gonçalves Vianna: *mittlerer, geschlossener, zentraler, ungerundeter, unnasalierter Vokal* (RODRIGUES, 1959, p. 24). Mas a essa descrição, em nota se acrescenta a seguinte informação: “O [ə] port. não é o [ə] do Alfabeto Fonético Internacional, mas sim [ɐ], que é um pouco mais baixo e recuado” (RODRIGUES, 1959, nota 22, p. 132).

Quadro 1: Fones Vocálicos do Tupinambá (fontes portuguesas)

Vogais Orais				
Português		anterior	central	posterior
		não-arredond		arredond
alta		i		u
média	fechada	e	ə	o
	aberta	ɛ		ɔ
baixa			a	
Vogais Nasais				
		não-arredond		arredond
alta		ĩ		ũ
média	fechada	ẽ	ã	õ
baixa				

Quadro 2: Fones Vocálicos do Tupinambá (fontes francesas)

Vogais Orais					
Português		anterior		central	posterior
		não-arredond		arredond	
		-	+	-	+
alta	 fechada aberta	i	ü		u
média		e	ö	ə	o
		ɛ	õ		ɔ
baixa				a	
Vogais Nasais					
		não-arredond		arredond	
alta		ĩ			
média					
	aberta	ẽ		õ	
baixa				ã	

12 Mundartgliederung Niederhassens südlich von Kessel (1941).

13 Quanto às fontes holandesas – a saber, Johannes de Laet (Novus Orbis, 1633) e Georg Marcgrav (Historia Naturalis Brasiliæ, 1648) –, Rodrigues informa: “As fontes holandesas contêm quase exclusivamente materiais portugueses, escritos por portugueses e, portanto, de acordo com hábitos de escrita portugueses. Como resultado, eles oferecem pouca informação adicional sobre os fenômenos fonéticos do Tupinambá ao que pode ser encontrado nas fontes portuguesas. Tanto Laet, que nunca tinha estado no Brasil, quanto o alemão Marcgrav, que trabalhou como naturalista na animada colônia holandesa no nordeste do Brasil, preferiram que os nomes tupinambá fossem registrados pelos portugueses, linguisticamente competentes. Suas obras (...) são, portanto, usadas apenas ocasionalmente, principalmente quando as poucas palavras escritas à maneira holandesa em Laet podem contribuir com algo para a discussão de sons individuais ou quando exemplos adicionais são necessários”. (RODRIGUES, 1959, p. 17).

Quadro 3: Fones Vocálicos do Tupinambá
(fonte alemã)

Vogais Orais					
Alemão		anterior		central	posterior
		arredondada		arredondada	
		-	+	-	+
		i	ü		u
alta	fechada	e	ö	ə	o
	aberta	ɛ	ɔ		ɔ
média					
baixa				a	
ditongos				aj	aw

Diferentemente das fontes portuguesas e francesas, o Quadro 3 não apresenta grafemas para representar vogais nasais. A única fonte alemã empregada por Rodrigues foi a obra de Hans Staden (1557), obra que contém diversas palavras e algumas frases em Tupinambá, mas na anotação dela a nasalidade em vogais não recebe nenhuma marca específica.¹⁴

Seguem-se os quadros fonéticos das consoantes, segundo os diferentes idiomas das fontes:

Quadro 4: Fones Consonantais do Tupinambá
(fontes portuguesas)

Fontes Portuguesas

		bilabial	dental	pré-palatal	velar
plosiva	surda	p	t		k
	sonora	b	d		g
africada	surda			ç	
fricativa	surda		s	ʃ	
	sonora	ʙ		ʒ	
nasal		m	n	ɲ	ŋ
vibrante (flap)			r		
semivogal				j	w

Quadro 5: Fones Consonantais do Tupinambá
(fontes francesas)

Fontes Francesas

		bilabial	dental	pré-palatal	velar	glotal
plosiva	surda	p	t		k	
	sonora	b	d		g	
fricativa	surda		s	ʃ	ks	h
	sonora			ʒ		
nasal		m	n	ɲ		
vibrante (flap)			r			
semivogal				j	w	

14 Há apenas uma palavra, ao longo de toda obra de Staden, que traz uma representação de nasalidade em uma vogal: a palavra “Tuppan”, destacada no trecho reproduzido abaixo, da 1ª edição alemã (capítulo 20):

Wie siemun sahen/das sie jr nit entfaren konten/Sagten
sie zu mir/Ne mungitta dee Tuppan do Quabe anamafu y an
dee Imme Ranni me fise Das ist so vil gesagt.

Exemplar dessa 1ª edição está disponível em versão digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (USP) no endereço: digital.bbm.usp.br/view/?45000008047&bbm/4570.

Quadro 6: Fones Consonantais do Tupinambá
(fontes alemãs)

Fontes Alemãs			bilabial	dental	pré-palatal	velar
plosiva	surda	aspirada	p ^h	t ^h		k ^h
		não-aspirada	b	d		
fricativa	surda			s	ʃ	
	sonora		ɸ		j	
nasal			m	n		ŋ
vibrante (flap)				r		
semivogal					y	w

A fonética do Tupinambá

No capítulo sobre Fonética (p. 36ss), Rodrigues compila, rigorosamente, as formas anotadas nas diferentes fontes,¹⁵ dando-lhes uma interpretação fundamentada (p. 39-91), à exceção dos grafemas “ç” (“c cedilha”) e “b”, que são tratados na próxima seção. Nas palavras de Aryon, o capítulo 3 (*Phonetik*) “*apresenta os fenômenos fonéticos que podem ser identificados na língua Tupinambá a partir da análise das fontes. Tenta-se determinar e apresentar as características dos sons Tupinambá exclusivamente com base na fonte utilizada*” (RODRIGUES, 1959, p. 36).

Na prática, o capítulo reúne e sistematiza as informações produzidas a partir de cada fonte empregada, e produz um inventário fonético unificado para o Tupi/Tupinambá do século XVI e início do XVII. Aryon realça, porém, o caráter aproximativo dessa caracterização fonética:

Como estamos conduzindo nossa investigação apenas com base em documentos antigos, queremos evitar qualquer definição mais precisa dos sons a serem identificados. Alguns sons da lín-

14 Aryon emprega a convenção abaixo para identificar cada fonte (ver p. 12-17 e p. 38):

Anchieta, Arte de Gramática (1595): AAG | Staden, Wahrhaftige Historia (1557): SWH Figueira, Arte de Gramática (1621): FAG | d’Abbeville, História da Missão (1614): AHMM Anônimo, Vocabulário na Língua Brasilica: VLB | d’Evreux, Viagem ao Norte do BR (1864): EBN A. Araújo e B. de Leão, Catecismo (1686): ALC | Laet, Novus Orbis (1633): Laet Léry, História de uma Viagem (1578): LHV | Marcgrav, Historia Naturalis (1648): Marcgrav

gua tupinambá podem ter sido idênticos aos sons do português, francês ou alemão. Mas isso não pode ser provado. Tudo o que podemos dizer com certeza é que um som específico na língua indígena era semelhante de alguma forma a este ou aquele som em português, francês ou alemão. Não podemos determinar até que ponto essa semelhança chegou, ou se isso resultou em uma identidade. (RODRIGUES, 1959, p. 36)

Uma razão para aquela ressalva é o fato de que as ortografias das línguas “intermediárias” – base dos registros disponíveis – não representam formas fonéticas nos respectivos idiomas:

Não devemos esquecer que toda grafia de uma língua, especialmente uma grafia que tenha uma finalidade didática ou outra finalidade prática, envolve uma padronização, ou seja, uma simplificação dos fenômenos fonéticos representados. Essa simplificação é alcançada por meio de um critério (embora talvez não totalmente consciente) de relevância linguística, segundo o qual vários fenômenos fonéticos que não se contradizem no sistema de expressão da língua são compreendidos e representados como uma unidade. Qualquer grafia que não seja intencionalmente fonética é, portanto, um tanto fonêmica. (...) As comparações feitas em nossas fontes entre os sons do Tupinambá e das línguas intermediárias não devem, portanto, ser consideradas como identificações, mas sim como aproximações suficientes (ou consideradas suficientes) para fins práticos, muito mais de acordo com o sistema fonêmico do que com o sistema fonético da respectiva língua intermediária. (RODRIGUES, 1959, p. 37).

73

Exemplifiquemos os procedimentos nesse capítulo com a apresentação de Rodrigues para uma das vogais orais:

3.1.1.4. [i] vogal alta, anterior, não arredondada, não nasalizada.¹⁶

AAG, VLB *i* // *j* ~ // *y* ;
FAG, ALC *i* ;
LHV, ENB, AHM, SWH *i* // *y* .

Em AAG e VLB, *y* como representação de [i] ocorre apenas no início da palavra, onde pode alternar com *i* e *j*. (RODRIGUES, 1959, p.45)

16 “Usamos os seguintes símbolos para denotar a variação gráfica livre ou condicional (geralmente posicional): // significa ‘em variação livre com’ (...); ~ ‘em variação condicional (posicional) com’ (...). Às vezes, a variação gráfica é em parte condicional, em parte livre; isso é representado por ~//.” (RODRIGUES, 1959, p. 39).

Como se vê no exemplo, Aryon identifica um determinado fone, e apresenta os grafemas pelos quais, em cada uma das suas fontes, aquele som é representado.

O Quadro 7 sintetiza as conclusões de Aryon acerca da fonética das vogais Tupinambá. Chama a atenção, no entanto, na comparação do Quadro 7 com os Quadros 1 a 3, que as conclusões dele a respeito do inventário fonético excluem a ocorrência de fones vocálicos meio fechados (que apareciam naqueles quadros anteriores), à exceção da central [ə]. Em outras palavras, em lugar de [e] e [ɛ], e de [o] e [ɔ], só o segundo fone de cada par é considerado. Nas suas conclusões a respeito do inventário fonológico, no capítulo 4, Aryon vai identificar a central [ə] como um alofone do fonema /a/, ao lado de um alofone [a] (cf. RODRIGUES, 1959, p. 97), e não menciona alofonia em qualquer outra vogal. Entretanto, naquele exato ponto ele insere uma nota dizendo:

Queremos dizer alofones que são claramente identificáveis. Provavelmente havia variantes não apenas para o fonema /a/, mas também para outros fonemas que, nas fontes, só podem ser provadas de forma insuficiente ou não podem ser provados de forma alguma.

Quadro 7: Fones Vocálicos do Tupinambá

			Vogais Orais						Vogais Nasais		
			anterior	central	posterior				anterior	central	posterior
			não-arredondada		arredondada				não-arredondada		arredondada
alta			i	ɨ	u				i	ĩ	ũ
média				ə							
média	aberta		ɛ		ɔ				ẽ		õ
baixa				a						ã	

Vejamos com mais atenção a questão das vogais médias. Exemplifiquemos com o caso das médias anteriores, onde esperaríamos a identificação de dois fones: [e] e [ɛ]. A tese, no entanto, só valida um deles, como se pode ver na longa citação a seguir (RODRIGUES, 1959, p. 43-44):

3.1.1.3. [ɛ] vogal média, aberta, anterior, não arredondada, não nasalizada.AAG, VLB, FAG, ALC e ;
LHV e // é // è // ai ;
ENB e // é // è // ê // ai ~ ei ;
AHM e // é // ai ~ ei ;
SWH e.

Nas fontes portuguesas, o e, assim como os demais grafemas para vogais, também ocorre com o agudo, o circunflexo e o grave (é, ê, è); no entanto, estes são considerados aqui como fenômenos gráficos em si mesmos e tratados como designações do acento de intensidade na seção 3.5.1.¹⁷

Nas fontes francesas, a sequência sonora [wɛ] é representada pelo dígrafo oi ou oy (cf. 2.2.3.b).

Nas três línguas intermediárias, e denota tanto [ɛ] quanto [e]. A determinação do som tupinambá aqui discutido como [ɛ] é baseada nas seguintes considerações: (a) nas fontes portuguesas o circunflexo (principalmente no século XVI) e o agudo (principalmente no século XVII) eram adicionados ao “e”, que na ortografia portuguesa da época era escrito apenas com “e” para representar [ɛ] (cf. 2.1.1); (b) nas fontes francesas, os grafemas e, é, ê, è não podem dar uma indicação fidedigna da pronúncia do tupinambá, porque são inovações muito recentes na ortografia francesa da época (o uso do agudo e do circunflexo começou no meio do século XVI, o acento grave só começou a surgir no decorrer do século XVII; ...) e ainda não estava firmemente estabelecido (daí a flutuação entre é e è na escrita do tupinambá); entretanto, os grafismos ai e ei (especialmente o último) podem ser considerados como uma indicação de um valor fonético [ɛ] (...).¹⁸

Essa passagem é complementada pela nota igualmente inserida acima (nota 18), na qual Aryon argumenta usando empréstimos do Tupi/Tupinambá ao português.

Acima mencionei a expectativa de “identificação de dois fones: [e] e [ɛ]”. Cabe justificá-la. A expectativa provém do vasto conhecimento que se tem, hoje em dia, de línguas da mesma família Tupi-Guarani, nas quais o sistema fonológico vocálico oral inclui uma série de vogais baixas (ou vogais não-altas, a depender da análise), em que, a cada fonema, correspondem dois alofones: /e/ > [e] ~ [ɛ] ; /a/ > [ə] ~ [a] ; /o/ > [o] ~ [ɔ].¹⁹ Isso se verifica em línguas tão distantes geograficamente como o Tembê-Tenetehar

16 De fato, seção 3.2.1.

17 No português brasileiro e também no português europeu, [e] e [ɛ] são dois fonemas diferentes, a saber, /e/ e /ɛ/. “As palavras tupinambá que se estabeleceram no português brasileiro têm predominantemente [ɛ], por exemplo: port. *jacaré* do tup. [ʒakaʔɹɛ], port. *canindé* do tup. [kaniɽdɛ], port. *pereba* do tup. [pɛʔɾɛβə], port. *tié* do tup. [tiʔyɛ], port. *caburé* do tup. [kabuʔɹɛ], port. *boipeva*, *boipeba* do tup. [ˈboyʔpɛβə]”. (RODRIGUES, 1959, nota 35, p. 134 – omiti as transcrições fonéticas das palavras portuguesas).

18 Alguns autores não informam a alofonia da vogal central, mas todos informam a alofonia nos outros dois fonemas, o anterior e o posterior. E há quem opte por representar os fonemas pelas formas abertas, /ɛ/ e /ɔ/.

(Boudin, 1963; Duarte, 2007), Urubu-Ka'apor (Kakumasu, 1968; Lopes, 2009), Kamaiurá (Seki, 2000), Guajá (Nascimento, 2008), Mbyá (Guedes, 1991), Waiãpi (Santos, 2002), Avá-Canoeiro (Borges, 2006), Apiaká (Padua, 2007), Araweté (Alves, 2008), Aché (Roessler, 2008), Nhandewa-Guarani (Costa, 2010) e Kawahib (Marçoli, 2018) – para citar apenas os que me estão à mão. Observe-se que as línguas aqui elencadas pertencem a oito distintos subgrupos da família Tupi-Guarani, o que impõe a conclusão de tratar-se de uma herança da Proto-Língua: Ramo I (Mbyá, Nhandewa-Guarani, Aché²⁰), Ramo IV (Tembé-Tenetehara, Avá-Canoeiro), Ramo V (Araweté), Ramo VI (Apiaká, Kawahib), Ramo VII (Kamaiurá), Ramo VIII (UrubuKa'apor, Guajá, Waiãpi) (cf. RODRIGUES & CABRAL, 2002). O Tupinambá, com a Língua Geral Paulista e o Nheengatu, são classificados em um Ramo III.²¹

Quanto à argumentação baseada em empréstimos do Tupi/Tupinambá ao português, nos quais Aryon destaca a predominância de [ɛ], devemos registrar – em contrário – ocorrências como as seguintes: Tietê (e não *Tieté), irerê, tiê, puraquê.²²

Mais relevantes ainda que os exemplos acima, registrem-se: pequi/piqui do Tup. **peki**, teju/teiú do Tup. **teju**, beiju/biju do Tup. **mbeju**, preá/pereá/aperiá do Tup. **apereá**. Para esses nomes – e um levantamento exaustivo poderá reunir outros – não se conhecem pronúncias como *péki, *téju, *béju, *péreá, sinal de que a fonologia do português, que distingue as duas vogais (/e/ x /ɛ/), percebeu a primeira vogal de cada palavra dessas como inconfundivelmente [e].

Para a contraparte posterior da vogal média, a argumentação de Aryon é mais breve:

Nas fontes portuguesas, os acentos circunflexo, agudo e grave são colocados sobre o das sílabas tônicas, o que, a exemplo da ortografia portuguesa da época, indica um [ɔ] aberto. Das fontes francesas, apenas a LHV usa o gráfico au, que indica um [o] fechado. Entretanto, esse grafema ocorre muito raramente. AHM às vezes escreve o para [u] antes de nasal, mas quando ocorre um [ɔ] antes de nasal, ele escreve um mm duplo depois de o, que certamente é a representação de um [ɔ] aberto. (RODRIGUES, 1959, p. 48)

20 Sobre a língua Aché, falada no Paraguai, Dietrich informa que era “antes classificada entre as línguas guaranis meridionais” – como aparece na minha listagem –, mas reconhecidamente “muito diferente destas”. Segundo aquele autor, “em alguns traços fonológicos e morfológicos a língua está mais próxima de línguas como o siriono e yuki” (DIETRICH, 2010, p. 12). O Sirionó integra o Ramo II.

21 Essa alofonia nas vogais orais não é exclusividade da família Tupi-Guarani, mas encontra-se facilmente em línguas de outras famílias do tronco Tupi, como na língua Akuntsú (Aragon, 2008), da família Tupari; no Paíter-Suruí, da família Mondé (Meer, 1982) ou no Munduruku, da família homônima (Picanço, 2012); nas duas últimas, parcialmente.

22 Embora, os dois últimos, em alternância com *tié* e *puraqué*, respectivamente.

A afirmação com que Aryon abre o comentário acima, ao menos parcialmente tem respaldo nas regras do “*Acento*” definidas por Anchieta (1595, fl. 7):

Todas as dições acabadas nas quatro vltimas vogaes [nota: i, o, u, i - wrd], tem ô accento na vltima, & notãofe, com circunflexo.

Ou seja, Anchieta adota o circunflexo como marca de tonicidade (mas usará o agudo para o /a/ em posição final, e para as outras vogais, quando penúltimas).²³ Mas isso não garante que vogais “o” em outras posições na palavra (acentuadas ou não), sejam também representação de [ɔ]. Vejam-se estes exemplos tirados de Anchieta: tecoára, aipotár, aicotúc, oçôgua, tobâ, moçapîr, orôjucâ, ayopói, moroboeçára ~ morómboeçára, oimombeu etc.

E, como no caso da vogal [ɛ], também há a seguinte nota, argumentando com palavras emprestadas do Tupi ao Português (em RODRIGUES, 1959, nota 44, p.136):

As palavras tupinambá naturalizadas no português brasileiro têm em sua maioria [ɔ]: *cipó* do Tup. [is i'pɔ], *ibiboca* do Tup. [iβi'βɔkə],²⁴ *jibóia* do Tup. [ži'βɔyə], *piraroba* do Tup. [pira'rɔbə], *sarapó* do Tup. [sara'pɔ], *socó* do Tup. [sɔ'kɔ].²⁵

Em contrapartida, devemos lembrar de outros empréstimos do Tupi em que a vogal média posterior é, no português, meio-fechada, ou seja, um [o] em lugar de [ɔ]: boracéia do Tup. **poraceia**, poçanga do Tup. **poçanga**, Potira do Tup. **potyra**, Moema do Tup. **moema**, Sorocaba do Tup. **sorokaba**, copiá/cupiá do Tup. **kopiara**, morubixaba do Tup. **morobixaba**, potiguar do Tup. **potiguara** (“comedor de camarão”). Esse último exemplo é particularmente interessante; nele, chama a atenção o fato de que, no dialeto nordestino do Rio Grande do Norte, os próprios nativos pronunciam esse termo auto-identitário como [poti'gwar], e não *[pɔti'gwar].²⁶ Já o exemplo imediatamente anterior, morubixaba, ao sofrer alçamento da 2ª vogal, para [u], no processo de

23 As normas de acentuação gráfica definidas por Anchieta constam na citada fl. 7. Porém, na prática, ao longo da *Arte* tais convenções foram praticamente ignoradas, empregando-se os acentos gráficos quase aleatoriamente.

24 Por dificuldades tipográficas (! curioso ainda termos que dizer isso, em 2025), o símbolo empregado por Aryon para representar a fricativa bilabial sonora (ɸ) é representado nas citações e nas transcrições fonéticas dele, pelo símbolo usual do Alfabeto Fonético Internacional: [β]. Apenas nas tabelas o símbolo aparece como foi usado na tese por Rodrigues.

25 Omiti as transcrições fonéticas das palavras portuguesas.

26 Tenha-se em mente que nos dialetos do Nordeste (e, claramente, no Rio Grande do Norte), se pronunciam vogais pré-tônicas abertas – em uma extensa porção do léxico –, como em: *portuguesa* = [pɔxtu'gezɐ], *nordestino* = [nɔrdɛʃ'tinɔ], *diferença* = [dife'rêɛɐ], *soldado* = [sɔw'adɔ], *pronúncia* = [prɔ'nũsje] etc.

nativização, evidencia o fato de que ela só poderia ser, na origem, uma vogal [o], e não [ɔ].

Dois grafos problemáticos: < ç > e < b >

Transcrevo, a seguir, os trechos fundamentais das descrições e conclusões de Aryon Rodrigues a respeito dessas duas letras, “ç” e “b” – adotadas desde Anchieta (1595) – cuja interpretação fonética, no capítulo 3 da tese, teve consequências para as conclusões da fonologia, no capítulo seguinte. Infelizmente, prejudicadas pela interpretação fonética, tais conclusões de Aryon se encontram repetidas em incontáveis análises de línguas TupiGuarani até os dias de hoje (ainda que muito raramente sua tese seja referida). Como veremos, já há análises alternativas (que, no caso da consoante bilabial, são substantivamente apoiadas em investigação fonética acústica).

Vejamos as notas de Aryon sobre “ç” (ou, mais propriamente, sobre [s], segundo ele):

3.1.6.1. [s] fricativa dental desvozeada.

AAG, VLB, FAG, ALC c ~ ç ;

LHV s ~ ss ~ // sc ~ // c ;

(...)

Nas fontes portuguesas, c ocorre antes de e, i e y, enquanto ç ocorre antes de a, o e u. Nas fontes holandesas que reproduzem a grafia portuguesa, ç foi substituído principalmente por c, de modo que o último grafema aparece antes de qualquer vogal (em Laet, ç foi ocasionalmente substituído por z).

Em LHV, s ocorre apenas no início de palavra e ss apenas dentro de palavra; sc e c também ocorrem na palavra, mas o último apenas antes de e, o primeiro antes de e e o, enquanto ss pode ocorrer antes de qualquer vogal.

Em ENB e AHM, s ocorre tanto no início, quanto dentro de palavra, mas ss somente no interior da palavra. No AHM, c também ocorre dentro da palavra, mas apenas antes de y. SWH tem s e ss em variação livre entre si, mas apenas dentro das palavras. (RODRIGUES, 1959, p. 68-69)

Na referência às fontes, Aryon deixou de citar o esclarecimento dado por Anchieta sobre essa escolha, tendo sido este jesuíta quem inaugurou o uso do “ç” no registro daquela língua. Na seção inicial de sua Arte, intitulada Das Letras, Anchieta esclarece que “*nesta língua do Brasil não há f, l, s, z, rr dobrado, nem muta com liquida*”, e em seguida informa algumas de suas decisões ortográficas, a começar por esta: “*Em lugar do s, in principio ou médio dictionis, serve ç com zeura, como Açô, çatã*” (ANCHIETA, 1595, fl. 1).

A pergunta que essas passagens sugerem é: por que Anchieta considerou a letra “s” uma opção ortográfica (preterindo-a, no entanto, em favor de “ç”), se ele diz que não havia esse som na língua em questão?

É sobre esse aspecto que comentei, acima, que Aryon não aproveitou uma informação valiosa do artigo de Hart, que resumo abaixo:

Assim como Nebrija, Oliveira também não distingue entre espi-
rantes e africadas em suas descrições de sons portugueses. Seu ç e
z podem, portanto, representar [ts] e [dz], em vez de [s] e [z]. Em
qualquer caso, os sons devem ter adquirido os últimos valores
antes do final do século, pois foi nesse período que a confusão de
ç e z com -ss- e -s- se tornou generalizada pela primeira vez.

Oliveira não menciona nenhuma confusão desse tipo; nem João
de Barros. Mas Pero de Magalhães de Gandavo, escrevendo me-
nos de meio século depois, deixa claro que alguns portugueses
estavam então começando a confundir ç e z com -ss- e -s-, tanto
na grafia quanto na pronúncia, e ao fazê-lo incidentalmente con-
firmam as descrições de Oliveira da articulação de ç e s. (HART,
1955, p. 412).²⁷

79

Hart conclui com um quadro esquemático muito claro:

Na Idade Média, o sistema de sibilantes em castelhano, catalão e
português deve ter sido o seguinte:

ç [ts]	-ss- [s]	x [S]	
z [dz]	-s- [z]	j [Z]	(HART, 1955, p. 413)

As conclusões dele são totalmente congruentes com as dos atuais
estudiosos do Português arcaico, como lemos em Mattos e Silva (2006, p. 89):

É certo que na descrição de Fernão de Oliveira (...) estão dis-
tinguidos quatro elementos sibilantes (...) É certo também que
os dois primeiros gramáticos nada informam sobre “confusões”
ortográficas entre sibilantes de origens diversas, enquanto os do

27 As descrições de Oliveira (1536) sobre articulação de “s” e “ç” encontram-se nos
seus capítulos 13 e 14.

fim do século XVI, Duarte Nunes de Leão e P. M. de Gândavo, atestam as confusões ortográficas que já se processavam nos fins do século XVI.

Diz Mattos e Silva (idem, ibidem) que “o problema que não está resolvido é o do momento em que se perdeu o traço oclusivo das africadas”, mas isso não muda o fato de que, ao tempo em que Anchieta redigiu sua Arte (meados do séc. XVI),²⁸ as letras “ss”/“s” e “ç”/“z” representavam dois pares opostos de fonemas, respectivamente: /s/ x /z/ (intervocalicamente) e /ts/ x /dz/. Citando Maia (1986), sobre a história do “galego-português”, a autora conclui: “se pode dizer que as africadas depois predorsodentais constrictivas são representadas, em geral, por <c^{e,i}, ç^{a,o,u}>, se surdas, e por <z>, se sonoras; e as ápico-alveolares constrictivas por <s-, -ss-, -s->” (Mattos e Silva, ibidem).

A conclusão necessária é imediata: Anchieta identificou o som (a realidade fonética) da obstruinte palato-alveolar Tupi com o som do fonema representado por <ç> na ortografia portuguesa então corrente. Concluo esse tópico com a citação de uma pesquisadora portuguesa atual:

Sabemos que a actual distinção gráfica entre <c, ç e z> e <s, ss> que encontramos, por exemplo, em *paço* / *passo* e *cozer* / *coser* correspondia no português antigo a uma distinção fonética (sic): o <ç> de *paço* soava [ts] e os <ss> de *passo* [s]; o <z> de *cozer* [dz] e o <s> de *coser* [z]. Esta pronúncia apical de <s, ss> pode ser ouvida, ainda hoje, nas Beiras: é o que chamamos o s *beirão*, que não faz parte da norma do português, sendo um traço dialectal e o testemunho vivo de uma antiga característica geral do português” (Cardeira 2009: 21).

Na passagem acima cabe apenas um reparo: mais relevante do que ter havido uma “distinção fonética” entre os grafos <ç> e <s>, o que torna o fato crucial era que se tratava de uma distinção fonológica.

Como veremos no capítulo da “fonêmica”, adiante, Aryon reconheceu um fonema /s/ no Tupinambá, onde de fato houve um /ts/.²⁹

Um segundo problema que ocorre na caracterização fonética das fontes do Tupinambá/Tupi Antigo, na tese de Aryon, é a interpretação da letra “b” dos registros portugueses, como sendo uma *fricativa bilabial* [b], ou seja, [β].³⁰ A síntese dele sobre isso está assim informada:

28 A Arte de Anchieta, “ainda manuscrita, já em 1556, ‘servia de texto para o ensino do tupi no colégio da Bahia e, em 1560, o Pe. Luís da Grã tornava obrigatório o seu estudo, sendo ele mesmo professor” (DRUMOND, 1990, p. 9).

28 Há pelo menos uma década e meia venho ensinando a fonologia do Tupi Antigo insistindo na afirmação de que o “ç” adotado por Anchieta representava um fonema /ts/ (D’ANGELIS, 2010). Recentemente tive ocasião de registrar isso em um artigo a respeito d’ *A língua Nheengatu e suas ortografias* (D’ANGELIS, 2023, p. 7-8).

30 Ver Nota 23, sobre o símbolo fonético da bilabial fricativa sonora.

Na grafia dos portugueses, b representava [β] inicial e intervocálico. No alemão de Staden, w e b também eram representações de um [β]. Em SWH, u deve ser considerado uma variante gráfica livre de w (...). Em francês não havia fricativa bilabial [β], b representava a oclusiva bilabial [b] nesta língua; u ou v, por outro lado, representavam a fricativa labiodental [v]. O fato de que os franceses às vezes representavam o mesmo som com b, às vezes com u (v) indica que não era nem [b] nem [v], mas sim um som que deveria combinar propriedades de ambos. Tanto as fontes portuguesas quanto as alemãs mostram que esse som era uma fricativa bilabial. (RODRIGUES, 19569, p. 72 – grifos meus).

De fato, a oscilação dos registros revela uma indecisão, então frequente – isto é, comum –, nos alfabetizados em Espanhol, mas também nos alfabetizados em Português – língua cuja origem é o galego, que não distinguia /b/ x /v/.³¹ Mesmo hoje, em Espanhol, uma diferenciação na pronúncia das letras “b” e “v” não depende das letras em si, mas apenas da posição na palavra: qualquer uma das duas, em início de palavra (precedido de silêncio) será pronunciada como uma oclusiva bilabial [b]; e em contrapartida, qualquer uma delas, em posição intervocálica, será pronunciada como uma bilabial fricativa [β].

Mas o fato de portugueses e espanhóis interpretarem um fonema do Tupi/Tupinambá como sendo equivalente da sua pronúncia do seu “b” ortográfico não pode nos confundir: operava a li, como já se disse, o filtro fonológico da sua língua materna. O principal argumento contra a interpretação de , nos registros da língua Tupi por portugueses do século XVI, como sendo uma fricativa bilabial sonora, é o fato de que a língua Tupi (em suas variantes conhecidas no litoral, incluídos o Tupinambá, o Tupiniquim e o Caeté) não apresenta oposição de vozeamento (isto é, surdas x sonoras) nas suas oclusivas e nas suas outras obstruintes (uma africada e uma fricativa: /ts/ e /ʃ/). Todas as obstruintes nessas línguas são surdas, sem uma contrapartida vozeada. Trata-se de uma implicação fonológica universal, segundo a qual um sistema fonológico que não empregue a distinção de vozeamento em oclusivas, não poderá fazê-lo em fricativas. Portanto, não existe uma fricativa bilabial sonora nas mencionadas línguas Tupi.

31 Não é ocioso lembrar que, embora poliglota, Anchieta era espanhol das Canárias, onde viveu até seus 14 anos. Quanto à origem da língua portuguesa a partir do galego, e não de um ficcional “galego-português”, me estribo particularmente em Venâncio (2024), que desmonta a criação ideológica lusitana com a qual buscaram dar, à língua de Camões, um maior peso histórico nacional-identitário, por meio de um mito. Um resumo desse achado, em Venâncio, pode ser lido na orelha da edição brasileira, assinada por Rui Tavares: “como Fernando Venâncio não perde ocasião de relembrar [...] Portugal foi fundado com uma língua que não era o português, mas antes a língua que compartilhava o norte do novo reino com todo o espaço da antiga Gallaecia romana: o galego”. E como destacou Marcos Bagno, prefaciador da obra, o nome galego, para nomear uma língua, ocorre em texto já de 1290, enquanto o nome português, só se registra, na escrita, no século XV (Bagno, 2024, p. 18).

Como veremos, Aryon interpretou a bilabial fricativa como um dos alofones de um fonema /b/ (RODRIGUES, 1959, p. 109). A escolha do símbolo leva a entender que o fonema é visto como uma *oclusiva sonora*, sendo a fricativa sonora sua realização em início de sílaba. Não parece provável que uma língua desenvolva a oposição de vozeamento em obstruintes, e restrinja seu uso ao fonema plosivo bilabial. A alternativa de considerar o fonema como sendo a *fricativa sonora* veio a ser adotada na análise de diversas línguas da família Tupi-Guarani.³² A inclusão daquele elemento no conjunto de fonemas da língua é, efetivamente, bem sustentada, restando problemático, porém, o fato de não se tratar de uma obstruinte (*plosiva* ou *fricativa*), mas de uma aproximante.³³

O Quadro 8 resume as conclusões de Aryon sobre o inventário fonético de consoantes, trazido à luz pelas fontes de diferentes nacionalidades (ou seja: portugueses, franceses e alemães). Como para as vogais (Quadro 7), este quadro é uma sistematização nossa, uma vez que no original da tese os elementos são apenas listados e descritos um a um, agrupados pela nacionalidade das fontes e, dentro de cada uma, por categorias fonéticas. No entanto, o quadro obedece rigorosamente às classificações fonéticas adotadas por Rodrigues na tese.³⁴

Quadro 8: Fones Consonantais em Tupinambá

Inventário Fonético					
		bilabial	dental	pré-palatal	velar
plosiva	surda	p	t		k
	sonora	b			
africada	surda			ç	
fricativa	surda		s	ʃ	
	sonora	ɸ		ʒ	
nasal		m	n	ɲ	ŋ
pré-nasalizada		ᵐb	ⁿd		ⁿg
vibrante (flap)			r		
semivogal				y	w

32 Com base em criteriosa análise acústica e fundamentada análise fonológica, Ivana Ivo (2014) concluiu pelo caráter *soante* (aproximante) da lábio-dental em Mbyá-Guarani, recusando as várias interpretações anteriores, que a davam por *fricativa*. Posteriormente, igualmente com base em investigação fonética e fonológica, concluiu que aquela interpretação tem validade para os 4 dialetos indígenas da língua Guarani em território brasileiro (cf. IVO, 2018).

33 Aryon viria a assumir o caráter fonológico de uma *fricativa sonora* na reconstrução do Proto-Tupi-Guarani, para o qual propôs a ocorrência de um proto-fonema *β (RODRIGUES, 2007, p. 172-176).

34 O capítulo *Phonetik* encerra-se com um tópico a respeito de fenômenos prosódicos, que deixo de resenhar.

Os fonemas do Tupinambá

A análise fonológica das vogais, de Aryon, partiu do inventário fonético sintetizado no Quadro 7, cujas conclusões vão sistematizadas no Quadro 9. Sobre as vogais orais, concluiu:

Reconhecemos, assim, seis fonemas vocálicos orais em tupinambá: /i ε a ɔ u i̯/, dos quais apenas /a/ inclui dois alofones: [ə] , em final átono; em outros casos, [a]. Como /ε/ e /ɔ/ são, respectivamente, o único fonema vocálico médio anterior não-arredondado, e o único fonema vocálico médio posterior arredondado, por razões práticas eles podem ser escritos com “ê” e “ô”, ou seja, /e/ e /o/ respectivamente. (RODRIGUES, 1959, p. 97).

Quadro 9: Fones Vocálicos do Tupinambá

	Vogais Orais			Vogais Nasais		
	anterior	central	posterior	anterior	central	posterior
	não-arredondada	arredondada		não-arredondada	arredondada	
alta	i	i̯	u	ĩ	ĩ̯	ũ
média	ε		ɔ	ẽ		õ
baixa		a			ã	

Quanto às vogais nasais,

concluímos que os sons [ĩ ε ã ɔ ã i̯ ẽ] não podem ser considerados alofones dos fonemas /i ε a ɔ u i̯ / porque contrastam com as realizações desses fonemas. (RODRIGUES, 1959, p. 97).

Como a nasalização das vogais nas palavras examinadas até agora não pode ser determinada por nenhum fenômeno do respectivo contexto, ela é fonologicamente relevante e as vogais nasais devem ser consideradas fonemas: /ĩ ẽ ã õ ã i̯ ẽ / . (RODRIGUES, 1959, p. 100).

Quanto às consoantes, partindo do levantamento fonético (Quadro 8), Aryon conclui pelos fonemas representados no Quadro 10. Analisando agrupamentos por ponto de articulação, concluiu pela existência de 12 fonemas consonantais no Tupinambá, sendo 4 fonemas bilabiais: /p b m w/ (p. 109); 4 fonemas dentais: /t ɾ n s/ (p. 114); 2 fonemas palatais: /š y/ (p. 119); e 2 fonemas velares: /k ɳ/ (p. 120).

Quadro 10: Fonemas Consonantais em Tupinambá

		bilabial	dental	pré-palatal	velar
plosiva	surda	p	t		k
	sonora	b			
fricativa			s	ʃ	
nasal		m	n		ŋ
vibrante			r		
semivogal		w		y	

A solução fonológica de Aryon, para as consoantes do Tupinambá, considera que:

- [b] e [β] são alofones de /b/, além de [p] em final de palavra (em variação livre).
- [m] e [mb] são alofones de /m/
- [n] e [nd] são alofones de /n/
- [ŋ] e [ŋg] são alofones de /ŋ/
- [š] e [č] são alofones de /š/
- [r] e [t] (este, apenas em variação livre no final de palavra) são alofones de /r/ .
- [y], [ž] e [ñ] são alofones de /y/.

84 Com isso, encerro a leitura crítica da tese *Phonogie der Tupinambá Sprache*, de Aryon Rodrigues (1959), que de certo modo inaugurou um novo momento do olhar da Linguística brasileira para as línguas indígenas.

Jean de Léry, por Aryon

Pelo manuseio das fontes quinhentistas e seiscentistas da língua Tupi e, particularmente, do Tupinambá, especialmente no período de seus estudos na Europa, deve-se reconhecer, em Aryon, não apenas alguém muito familiarizado com aquela bibliografia, mas efetivamente com pleno domínio dela, nos mais variados sentidos: histórico, historiográfico, cultural e linguístico.

Por tudo isso, não haveria ninguém mais qualificado para recuperar o espetacular “Colóquio de entrada ou chegada na terra do Brasil”, que compôs o Cap. XX do clássico de Jean de Léry, *Histoire d’un Voyage fait en la Terre du Bresil, autrement dite Amerique* (1578). Esse Colóquioe uma série de observações gramaticais que o seguem “formam o primeiro ensaio publicado sobre aspectos da gramática de uma língua indígena brasileira” (RODRIGUES, 2009, p. 43).

Como se pode imaginar, aquele registro, tal como publicado no século XVI, constitui um intrincado desafio para quem, por meio dele, pretenda conhecer a língua Tupinambá como falada no Rio de Janeiro há 450 anos. A começar porque nele a língua Tupinambá foi registrada com base na ortografia francesa da época, por um seminarista (e sapateiro) de pouco mais de 20 anos, sem qualquer qualificação específica para isso. A isso se soma o fato de que o registro terá permanecido em sua forma manuscrita original por pelo menos vinte anos,³⁵ ao final dos quais foi, finalmente, transposto para tipos móveis, destinados à impressão, por pessoas que desconheciam completamente a língua indígena. Por tudo isso, pode-se esperar que a quantidade de problemas e, mesmo, de erros naquela publicação ultrapassa o imaginável.

Anteriormente a Aryon, dois estudiosos tentaram o mesmo trabalho de reconstituir o documento original: Batista Caetano, no século XIX, e Plínio Ayrosa, no princípio dos anos 1940. A versão do Colóquio produzida por Ayrosa, compôs a publicação da obra de Léry pela Livraria Martins, com tradução e notas de Sérgio Milliet. Dessa tradução – incluído o Colóquio na versão de Ayrosa – foram feitas seguidas reedições, incluindo as que, a partir da década de 1970, tiveram a Editora da USP como uma das publicadoras.³⁶

Entretanto, a versão de Plínio Ayrosa apresenta muitas falhas. Segundo Aryon, os principais problemas devem-se a que “*seu ensaio de restauração ficou prejudicado por introduzir formas do Guarani (...) e por ter suposto formas que não existem em Tupinambá, em geral calcadas na própria escrita deficiente de Léry*” (RODRIGUES, 2009, p. 46).

O fato é que as edições disponíveis não favoreciam uma aproximação e uma apreciação real da contribuição de Jean de Léry ao conhecimento da língua Tupinambá. Essa falha só se corrigiu no século XXI, com a expertise de Aryon Rodrigues: em 2009, em edição preparada pela Fundação Darcy Ribeiro (na coleção “Franceses no Brasil – séculos XVI e XVII”), com introdução de Carlos de Araújo Moreira Neto, o capítulo XX, contendo o Colóquio de Entrada e outros materiais em Tupinambá, por Jean de Léry, foi cuidadosamente preparado por Aryon. A versão publicada contém o texto na forma original de Léry (mas com correções, como por exemplo, quando um tipógrafo tomou um “u” por “n”, ou vice-versa; um “k” por “h”; “ni” ou “in” por “m”, etc.) e, ao lado dela, uma forma reconstituída por Aryon, com base no seu amplo conhecimento da língua nas fontes portuguesas.³⁷ E ao lado da

35 Se admitirmos que Léry tenha registrado o *Colóquio* antes de deixar o Brasil, em 1558, ou pouco depois, logo que retornou à França, passaram-se duas décadas até que seus originais foram entregues aos tipógrafos para composição do livro, que se publicou em 1578.

36 A partir dos anos 1970 a editora Martins passou a reeditar a obra em parceria com a USP. Na década de 1980 a mesma tradução ganha novas edições, dentro da Coleção Reconquista do Brasil, parceria da USP com a Ed. Itatiaia.

37 Aryon emprega a ortografia jesuítica do século XVII (com pequenas modificações), “a fim de facilitar o cotejo com as fontes portuguesas de conhecimento do Tupinambá (e também por ser mais facilmente legível para quem domina o português)” (RODRIGUES, 2009, p. 47).

tradução ao português, da versão francesa do colóquio (uma tradução “um tanto livre”), Aryon acrescentou sua tradução direta do Tupinambá.³⁸

Na mesma edição da obra de Léry, Aryon revisou – com os mesmos critérios e procedimentos – cerca de 200 palavras e frases em Tupinambá que se distribuem ao longo de todo o livro. O trabalho de Aryon Rodrigues nessa versão da obra de Jean de Léry não apenas valorizou o registro do jovem calvinista francês, mas transformou aquela obra em mais uma das fontes importantes – e, agora, efetivamente confiáveis – de conhecimento sobre a língua Tupinambá do século XVI.

Aryon Rodrigues, orientador em fonologia

Como se sabe, Aryon Rodrigues participou da criação e consolidação dos primeiros mestrados e programas de pós-graduação em Linguística no Brasil: na UnB, em 1963; na UFRJ, em 1968; e na Unicamp, em 1975. Neles, além da atuação como docente e orientador de dissertações e teses, Aryon teve importante participação na gestão acadêmica.

Interessa-nos aqui destacar sua contribuição, como orientador, ao conhecimento da fonologia de línguas indígenas. Se não ocorrem muitas omissões no que está registrado na plataforma Lattes,³⁹ Aryon Rodrigues orientou e levou à defesa 61 trabalhos de pós-graduação, sem mencionarmos aqui um número desconhecido de supervisões de pós-doutorado. Entre aqueles 61 trabalhos, a metade ocupa-se integral ou parcialmente da fonologia de alguma língua indígena.⁴⁰

Quadro 10: Orientações em Fonologia de Línguas Indígenas, por Aryon Rodrigues (1965-2013)

Tronco Tupi	
Tupi Guarani	Guarani Antigo (Grannier Rodrigues 1974); Mbya Guarani (Guedes 1983); Wayampi (Jensen 1984); Guajá (Cunha 1987; Magalhães 2002; Nascimento 2000); Língua Geral Amazônica (Borges 1991); Surui Aikewara (Barbosa 1993); Aplaká (Pádua 2006); Araweté (Alves 2008); Xetá (Vasconcelos 2008)
Tupari	Tupari (Alves 1991)
Rama-rama	Arara - Karo (Góbas Jr 1988)
Mondé	Surui Païter (Meer 1982)
Macro-Jê	
Jê	Kaingang SP, PR (Cavalcante 1987); Kaingang RS (Teixeira 1988); Panará (Dourado 1980); Xokleng (Bublitz 1984)
Guató	Palácio 1984
Karirí	Azevedo 1965
Yathé	Barbosa 1991
Rikbaktsá	Silva 2005
Outras famílias	
Karib	Ixikao / Ikpeng (Emmerich 1972); Arara (Souza 1988)
Aruak	Mehináku (Silva 1990)
Mura	Pirahã (Everett 1979)
Tikuna	Tikuna (Corvalho 2010)
Guikuru	Kadiwéu (Bruggio 1981)
Maku	Yuhup (Vigna 1991)
Línguas isoladas	
Máku (RR)	Máku (Maciel 1991)
Kanoé (RO)	Kanoé (Bacelar 1992)

38 A contribuição de Aryon para o resgate da obra de Jean de Léry foi objeto de uma dissertação de mestrado, defendida por Janaína César, na UnB em 2016: “Aryon Rodrigues: traduzir para o conhecimento da *Língua Brasileira*”. A autora descreve o trabalho de Aryon, sobre o *Colóquio*, como um *projeto etnolinguístico de restauração e retradução da língua brasileira* (CESAR, 2016, p. 11, 13, 79).

39 Não se descarta que haja falhas naqueles registros. O autor desse artigo identificou ao menos duas: não constam, ali, as dissertações de José Baltazar Teixeira (1988) e de Luiz Carlos Borges (1991), ambas defendidas na Unicamp. As orientações conduzidas por Aryon podem ser consultadas na plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4295103087500358>

40 Ver listagem, em Apêndice a este artigo, dos orientandos de Aryon Rodrigues em trabalhos de fonologia, as respectivas universidades em que defenderam os mestrados e doutorados, e as respectivas línguas estudadas.

O Quadro 10 resume as informações sobre as línguas cujo estudo fonológico foi orientado por Aryon, com a indicação dos respectivos autores e datas. Como se pode conferir no Quadro, foram 12 línguas do tronco Tupi, sendo 9 línguas da família Tupi-Guarani⁴¹ e 3 de outras famílias do tronco (Tupari, Ramarama, Mondé). Do tronco Macro-Jê foram 8 línguas, metade delas sendo da família Jê, e metade de outras 4 famílias (Guató, Kariri, Yathê, Rikbaktsá). Seguem-se, então, outras famílias linguísticas: duas línguas Karib, e uma língua de cada uma das seguintes famílias: Aruak, Mura, Tikuna, Guaikuru e Maku. Por fim, duas línguas isoladas, o Máku e o Kanoê, sendo que, da primeira delas, a pesquisa foi feita com o último falante da língua.

O quadro “teórico” da grande maioria daqueles trabalhos foi a Fonêmica pikeana, mas um conjunto de cerca de 20% daquelas pesquisas adotou a Fonologia Gerativa Padrão; muito embora, em algumas dessas dissertações a definição do inventário de fonemas foi feita pelos procedimentos tradicionais da Fonêmica, para então atribuírem-se traços distintivos a eles. Em alguns poucos casos, a pesquisa adotou elementos da teoria de traços distintivos compilada em Jakobson & Halle (1956).

Apesar das conhecidas limitações da abordagem Fonêmica, são quase 30 as línguas indígenas – de mais de uma dezena e meia de famílias – que receberam uma primeira tentativa de análise fonológica sob a orientação de Aryon Rodrigues, sendo que, pelo menos metade daquelas línguas foi, nesses trabalhos, registrada consistentemente pela primeira vez.

Contribuições às teorias fonológicas

87

Aryon Rodrigues publicou ao menos quatro artigos discutindo questões específicas de fonologia em línguas indígenas. Em *Contribuições das línguas brasileiras para a Fonética e a Fonologia* (1984) menciona fatos de doze línguas diferentes que desafiavam as teorias fonológicas (mais especificamente, a Fonologia Gerativa), e sugeria a necessidade de retomada do traço “compacto” (proposto por Jakobson), de reconhecimento de fronteira de palavra como fonte de nasalidade fonética, e de uma abordagem fonológica que admita “*sequências de propriedades fonológicas tautossegmentais*”, algo que assumiu, na tese de uma orientanda, sobre Kaingang: Cavalcante 1987 (Cf. RODRIGUES, 1984).

Aquele artigo retomava, ao seu modo, e de forma mais sintética, questões que desenvolvera em dois artigos anteriores, ainda recentes: (i) *Nasalização e fronteira de palavra em Maxakali*, apresentado ao V Encontro Nacional de Linguística, no Rio de Janeiro (1980), desenvolve a proposta de Aryon segundo a qual, “*em diversas línguas indígenas sul-americanas a*

41 Sobre a fonologia do Guajá foram três dissertações de mestrado diferentes: 1987, 2002, 2008.

ocorrência de segmentos com o traço [+nasal] é mais naturalmente explicada se admitirmos que as fronteiras de palavras comportam o traço [+nasal] como uma propriedade intrínseca”, tomando o Maxakali (Macro-Jê) como “um dos casos mais interessantes de nasalização induzida pela fronteira de palavra”, cujos fatos fonético-fonológicos descreve, à luz de sua proposta de interpretação (Cf. RODRIGUES, 1981a); (ii) Abertura e Ressonância, apresentado em Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, considera fatos de três línguas brasileiras (Nadëb, Kaingang e Tapirapé), analisando a aplicabilidade da oposição “compacto/difuso” (Jakobson, Fant & Halle, 1951) para explicar fatos sincrônicos e diacrônicos naquelas línguas, concluindo por um arranjo de [compacto] com coeficientes numéricos para uma descrição pelo menos foneticamente mais acurada (Cf. RODRIGUES, 1981b).

Silêncio, pausa e nasalização foi tema de outra apresentação em congresso (8º Encontro Nacional de Linguística, 1986). Nele, a questão central era, novamente, o fato articulatório-acústico destacado por Malmberg (1970): “a postura neutra do aparelho fonador coincide necessariamente, no que respeito ao véu palatino, com a postura própria da nasalidade, isto é, da produção de ressonância nasal”, fato que Aryon vinha associando à “nasalização induzida pela fronteira de palavra”. (Cf. RODRIGUES, 1986).⁴²

Por fim, em 2002, Aryon Rodrigues apresentou, no II Seminário Internacional de Fonologia, em Porto Alegre, o estudo: *Silêncio, nasalidade e laringalidade em línguas indígenas brasileiras*. Os termos “silêncio” (e também “pausa”) e “nasalidade” retomaram questões que vinha analisando e discutindo desde os artigos dos anos 1980, voltando a defender que “a nasalidade introduzida pela dessincronização dos movimentos do véu palatino no início e no fim de enunciados parece ser a explicação mais plausível para fenômenos fonológicos encontrados em diversas línguas das terras baixas da América do Sul”, e o estudo trata de prover exemplos. O tópico da nasalidade discute, ainda, os casos de segmentos nasais complexos, tomando o Kaingang como o melhor exemplo. Trata, igualmente, das relações entre nasalidade e laringalidade, ou da “misteriosa conexão entre nasalidade e glotalidade”, apontada nos anos 1970 em línguas do Sudeste asiático, mas reconhecíveis também, segundo Aryon, em várias línguas indígenas brasileiras, exemplificando com fatos do Baré, Tupari, Pirahã e Mawé. Por fim, analisa o que chamou de “nasalização por compactação vocálica”, exemplificando com processos sincrônicos do Kaingang e com uma mudança histórica no Tapirapé. Seu artigo termina com um apelo: “A pesquisa das línguas indígenas tem um

42 Julgo importante registrar o artigo, mas só sabemos de sua existência pelo próprio Aryon, que informa que, tendo sido o texto publicado nas atas do respectivo evento, “que eu saiba, não teve nenhuma repercussão (independente do mérito do que então escrevi, que pode ter sido muito pouco, a matéria estava em Português e o volume das atas foi tão pouco e mal distribuído que eu mesmo não tive acesso a nenhum exemplar ...). Entretanto, o assunto continua parecendo-me interessante e não tenho conhecimento de que haja sido devidamente considerado na literatura fonológica” (Cf. RODRIGUES, 2003, p. 12).

caráter de urgência urgentíssima, muito mais sério que o da pesquisa das espécies zoológicas e botânicas também importantes e também ameaçadas de extinção”. (RODRIGUES, 2003, p. 22).

Conclusão

Aryon Rodrigues deixou uma contribuição invejável ao conhecimento das línguas Tupi, e em especial da família Tupi-Guarani. É impossível – ou, ao menos, inaceitável – que se publique um estudo qualquer sobre essa família linguística, que não se apoie ou não cite ao menos um trabalho de Aryon. Entre suas contribuições, destacamos, neste artigo, o fato de ter produzido a primeira análise fonológica consistente do Tupi/Tupinambá, com base em cuidadosa reunião e estudo de fontes dos séculos XVI e XVII.⁴³ Igualmente destacamos – e como consequência daquele domínio das fontes –, a restauração da contribuição linguística de Jean de Léry para o conhecimento do Tupinambá do século XVI, sendo improvável que alguém pudesse tê-lo superado nisso.

Ao longo de sete décadas de intensa vida acadêmica, Aryon Rodrigues correspondeu-se e foi reconhecido por todos os importantes estudiosos de línguas indígenas em todo o mundo. Em sua correspondência pessoal certamente se encontram dezenas de cartas, entre enviadas e recebidas, trocadas com ilustres pesquisadores, entre linguistas, antropólogos e arqueólogos,⁴⁴ tratando dessa temática e de eventos relacionados.⁴⁵ Tenho a imensa honra de poder ter o nome dele em meu currículo, como meu supervisor de Pós-doutorado (2007-2008), e por ter sido um dos idealizadores, fundadores e primeiro Presidente do Instituto Aryon Dall’Igna Rodrigues.

43 O equivalente, na Antropologia, ao trabalho de Aryon, pela exaustiva reunião de fontes quinhentistas e seiscentistas, foi a obra *Organização social dos Tupinambá*, de Florestan Fernandes, publicada exatos 10 anos antes (1949).

44 De uma delas, muito singular, tratei alhures (D'ANGELIS, 2014, p. 507): o jovem Aryon, aos 20 anos, foi o destinatário de uma das últimas cartas – senão, a última – escritas por Curt Nimuendajú, em uma aldeia Tikuna, três dias antes de seu trágico desaparecimento.

45 O acervo documental de Aryon Rodrigues, juntamente com sua biblioteca, compôs um fundo, doado por ele em 2013, ao Instituto Aryon Dall’Igna Rodrigues. Em 2014 esse acervo foi transferido ao Instituto de Letras da UnB, que se responsabilizou por sua guarda e por torná-lo de acesso público. Passaram-se mais de 10 anos sem que o IL-UnB tomasse qualquer providência nesse sentido.

Referências

ALVES, Juliana F. **Fonética e Fonologia da língua Araweté: uma nova contribuição**. Dissertação de Mestrado. Brasília: IL-UnB, 2008.

ANCHIETA, Ioseph de. **Arte de Grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil**. Coimbra: Antonio de Mariz, 1595.

ARAGON, Carolina C. **Fonologia e aspectos morfológicos e sintáticos da língua Akuntsú**. Dissertação de Mestrado. Brasília: IL-UnB, 2008.

BAGNO, Marcos. Dos mitos às promessas: origens e destinos do português. (Prefácio). In VENÂNCIO, F., **Assim nasceu uma língua: sobre as origens do Português**. São Paulo: Tinta-da-China Brasil, 2024, p. 11-26.

BORGES, Mônica V. **Aspectos morfológicos e morfossintáticos da língua Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)**. Tese de Doutorado. Campinas: IELU-NICAMP, 2006.

BOUDIN, Max H. **O simbolismo verbal primitivo. Análise estruturalista de um dialeto tupi-guarani**. Presidente Prudente: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, 1963.

CARDEIRA, Esperança. A pronúncia do Português. In PACHECO, Alberto (org.), **Actas do Simpósio A pronúncia do Português Europeu cantado**, pp.20-28. Lisboa: Núcleo Caravelas – CESEM – Universidade Nova de Lisboa, 2009.

CESAR, Janaína T. Gil. **Aryon Rodrigues: traduzir para o conhecimento da Língua Brasília**. Dissertação de Mestrado. Brasília: IL-UnB, 2016.

COSTA, Consuelo Paiva G. **Nhandewa-Aywu. Fonologia do Nhandewa-Guarani**. Campinas: Ed. Curt Nimuendajú; Vitória da Conquista: Edições UESB, 2020.

D'ANGELIS, Wilmar R. Aryon das Línguas Rodrigues. **Estudos da Língua(gem)**, v. 4, (2), p. 13-19. Vitória da Conquista: UESB, 2006.

_____. **Repensando a fonologia do Tupi na clássica descrição de Anchieta**. Campinas: IEL-Unicamp, 2010. Manuscrito.

_____. Aryon Rodrigues: 70 anos dedicados à Linguística e às Línguas Indígenas. **D.E.L.T.A.**, v. 30 – especial, p. 503-512. São Paulo: PUC-SP, 2014.

_____. A língua nheengatu e suas ortografias: questões técnicas e de política linguística. **LIAMES** 23, p. 1-22. Campinas: DL-IEL-Unicamp, 2023.

DRUMOND, Carlos. Apresentação. In ANCHIETA, Joseph de. **Arte de Gramática da língua mais usada na costa do Brasil**. Edição fac-similar. São Paulo: Ed. Loyola, 1990, p. 7-17.

DUARTE, Fábio B. **Estudos de morfossintaxe Tenetehára**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2007.

EDELWEISS, Frederico. Os Tupís e a língua Tupí. In EDELWEISS, F.G., **Tupís e Guaranís. Estudos de etnonímia e linguística**. Salvador, BA: Secretaria de Educação e Saúde, 1947, p. 33-55.

_____. Em linguística, “tupinambá” não é sinônimo de “tupi”. In EDELWEISS, F.G., **Estudos tupis e tupi-guaranis. Confrontos e revisões**. Rio de Janeiro: Liv. Brasileira Ed., 1969, p. 69-108.

GUEDES, Maymarcia. **Subsídios para uma análise fonológica do Mbyá**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1991.

HART JR., Thomas R. Notes on Sixteenth-Century Portuguese Pronunciation. **Word**, 11:3, p. 404-415. Nova York, 1955.

IVO, Ivana P. **Características fonéticas e estatuto fonológico de fricativas e africadas no Guaraní-Mbyá**. Dissertação de Mestrado. Campinas: IELUnicamp, 2014.

_____. **Características fonéticas e fonologia do Guaraní no Brasil**. Tese de Doutorado. Campinas: IEL-Unicamp, 2018.

KAKUMASU, Jim. **Urubú phonology**. Rio de Janeiro: Summer Institute of Linguistics, 1968.

LÉRY, Jean de. **História de uma viagem feita à terra do Brasil, também chamada América**. Trad. Maria Ignez D. Estrada. Introd. Carlos A. Moreira Neto. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2009. [Franceses no Brasil – séculos XVI e XVII – vol. III).

LOPES, Mário A. G. **Aspectos gramaticais da língua Ka'apor**. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2009.

MARÇOLI, Osmar. **Estudo comparativo dos dialetos da língua Kawahib**

(**Tupi-Guarani**): **Tenharim, Jiahui e Amondawa**. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL-UNICAMP, 2018.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2006.

MEER, Tine H. van der. **Fonologia da língua Suruí**. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL-UNICAMP, 1982.

NASCIMENTO, Ana P. Lion M. **Estudo fonético e fonológico da língua Guajá**. Dissertação de Mestrado. Brasília: IL-UnB, 2008.

OLIVEIRA, Fernão de. **Grammatica da lingoagem portuguesa**. 3ª ed. feita de harmonia com a primeira (1536) sob a direção de Rodrigo de Sá Nogueira. Lisboa: José Fernandes Jr., 1933.

PADUA, Alexandre J. **Contribuição para a fonologia da língua Apiaká (Tupí-Guaraní)**. Dissertação de Mestrado. Brasília: IL-UnB, 2007.

PICANÇO, Gessiane L. Introdução ao Mundurukú: fonética, fonologia e ortografia. **Cadernos de Etnolinguística** – Série Monografias, 3. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú, 2012.

POLIVANOV, Evgueni D. A percepção dos sons de uma língua estrangeira [1931]. In TOLEDO, D. (org.), **Círculo Linguístico de Praga: estruturalismo e semiologia**. Porto Alegre: Globo, 1978, p. 113-128.

RODRIGUES, Aryon D. O artigo definido e os numerais na língua Kiriri. Vocabulários Português Kiriri e Kiriri-Português. **Archivos do Museu Paranaense**, v. 2, p. 179-212. Curitiba, 1942.

_____. Um aspecto da evolução fonética na família Tupi-Guarani. **Revista Filológica**, VII, 29, p. 74-77. Rio de Janeiro, 1944.

_____. Diferenças fonéticas entre o Tupí e o Guaraní. **Arquivos do Museu Paranaense**, v. 4, p. 333-354. Curitiba, 1945.

_____. Die klassifikation des Tupi-sprachstammes. **Proceedings of Thirty-Second International Congress of Americanists**. Copenhagen: Munksgaard, 1958, p. 679-684.

_____. **Phonologie der Tupinambá-Sprache**. Hamburgo: Philosophischen Fakultät - Universität Hamburg, 1959.

_____. A classificação do tronco linguístico Tupi. **Revista de Antropologia**, v. 12, (1-2), p. 99-104. São Paulo: FFLCH-USP, 1964.

_____. Nasalização e fronteira de palavra em Maxakali. **Anais do V Encontro Nacional de Linguística**. Rio de Janeiro, nov.1980. Vol. II, p. 305311. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1981a.

_____. Abertura e ressonância. **Estudos Linguísticos. Anais dos Seminários do GEL**, v.4, p. 324-333. São Paulo: Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de S. Paulo, 1981b.

_____. Contribuições das línguas brasileiras para a Fonética e a Fonologia. In SOLÁ, Donald F. (ed.), **Language in the Americas. Proceedings of the Ninth PILEI Symposium**. Ithaca: Cornell University, 1984, p. 263-267.

_____. Silêncio, pausa e nasalização. **Anais do 8º Encontro Nacional de Linguística**, p. 153-158. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1986.

_____. Tupi. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (Orgs.), **The Amazonian languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 164-206.

_____. Silêncio, nasalidade e laringalidade em línguas indígenas brasileiras. **Letras de Hoje**, v. 38, n. 4, p. 11-24. Porto Alegre, PUCRS, 2003.

_____. As vogais orais do Proto-Tupí. In RODRIGUES, A.D.; CABRAL, A.S.A.C. (orgs.), **Novos estudos sobre línguas indígenas**. Brasília: Ed. UnB, 2005, p. 35-46.

_____. As consoantes do Proto-Tupí. In CABRAL, A.S.A.C.; RODRIGUES, A.D. (orgs.), **Línguas e Culturas Tupí** – vol. 1. Campinas: Ed. Curt Nimuendajú; Brasília: LALI-UnB, 2007, p. 167-203.

_____. A contribuição linguística de Jean de Léry. In LÉRY, J. **História de uma viagem feita à terra do Brasil, também chamada América**. Trad. Maria Ignez D. Estrada. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2009, p. 4352.

RODRIGUES, Aryon D.; CABRAL, Ana Suely A. C. Revendo a classificação interna da família Tupí-Guaraní. In CABRAL, A.S.A.C.; RODRIGUES, A.D. (orgs.), **Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história**. Belém: Editora Universitária UFPA, 2002, p. 327-337.

ROESSLER, Eva-Maria. **Aspectos da gramática Achê: descrição e reflexão sobre uma hipótese de contato**. Dissertação de Mestrado. Campinas: IELU-unicamp, 2008.

SANTOS, Lílían A. **Aspectos da fonologia Waiãpi**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 2002.

SEKI, Lucy. **Gramática do Kamaiurá. Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu**. Campinas: Ed. da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000.

STADEN, Hans. **A verdadeira história dos selvagens, nus e ferozes devoradores de homens (1548-1555)**. Trad. Pedro Sússekínd. Rio de Janeiro: Dantes, 1998.

TRUBETZKOY, Nikokai S. **Grundzüge der Phonologie**. Praga, Círculo Linguístico de Praga, 1939. [Travaux du Cercle Linguistique de Prague, 7].

VENÂNCIO, Fernando. **Assim nasceu uma língua: sobre as origens do Português**. São Paulo: Tinta-da-China Brasil, 2024.

VIANNA, Aniceto R. Gonçalves. **Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionaes e estrangeiros**. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa, 1892.

Apêndice

Mestrados e Doutorados orientados por Aryon, em Fonologia

Mestrados:

1965: Gilda M.C. Azevedo. Kariri/Kipeá. (UnB)
1969: Paulino Vandresen. Westfaliano do Rio Fortuna. (UFRJ)
1972: Charlotte Emmerich. Txikão (Ikpeng). (UFRJ)
1974: Margarida Basílio. Contrastivo Latim x Português. (UFRJ)
1973: Maria M. Furlanetto. Contrastivo Francês x Português. (Unicamp)
1974: Daniele M. Grannier Rodrigues. Guarani Antigo. (Unicamp)
1976: Ester M.S. Gebara. Intonação do Português. (Unicamp)
1979: Daniel L. Everett. Pirahã. (Unicamp)
1981: Silvio L.B. Braggio. Fonologia e Morfol. Kadiwéu. (Unicamp)
1982: Tine H. van der Meer. Suruí (Paíter). (Unicamp)
1983: Marymárcia Guedes. Mbyá-Guarani. (Unicamp)
1984: Cheryl J.S. Jensen. Desenvolv. histórico do Wayampi. (Unicamp)
1987: Péricles Cunha. Guajá. (Unicamp)
1988: Isaac C. Souza. Arara (Karib). (Unicamp)
1988: Nilson Gabas Jr. Arara (Karo). (Unicamp)
1988: José B. Teixeira. Kaingang RS. (Unicamp)
1991: Luiz Carlos Borges. Língua Geral Amazônica. (Unicamp)
1990: Luciana G. Dourado. Panará. (UnB)
1990: Tereza C. S. Silva. Mehináku. (UnB)
1991: Dalva del Vigna. Yuhúp. (UnB)
1991: Eurípedes A. Barbosa. Yatê. (UnB)
1991: Poliana M. Alves. Tuparí. (UnB)
1991: Iraguacema Maciel. Máku. (UnB)
1992: Laércio N. Bacelar. Kanoê. (UnB)
1993: José N. Barbosa. Suruí do Tocantins (Aikewara). (UnB)
1994: Terezinha Bublitz. Xokleng. (UnB)
2002: Marina M. S. Magalhães. Fonologia e Morfos. Guajá. (UnB)
2005: Léia J. Silva. Fonologia e Morfol. Rikbáktsa. (UnB)
2006: Alexandre J. Pádua. Apiaká. (UnB)
2008: Juliana F. Alves. Araweté. (UnB)
2008: Eduardo A. Vasconcelos. Xetá. (UnB)
2008: Ana Paula L.M. Nascimento. Guajá. (UnB)
2010: Fernando Orphão de Carvalho. Fonética Tikuna. (UnB)

Doutorados:

1984: Adair P. Palácio. Guató. (Unicamp)
1987: Marita P. Cavalcante. Kaingang de SP comparado com PR. (Unicamp)